

almeida garrett

# viagens na minha terra

## 2. Viagens na Minha Terra – Texto integral

“Qu’il est glorieux d’ouvrir une nouvelle carrière, et de paraître tout-à-coup dans le monde savant un livre de découvertes à la main, comme une comète inattendue étincelle dans l’espace!”

X. DE MAISTRE

VAT © Porto Editora

# CAPÍTULO I

*De como o autor deste erudito livro se resolveu a viajar na sua terra, depois de ter viajado no seu quarto; e como resolveu imortalizar-se escrevendo estas suas viagens. Parte para Santarém. Chega ao Terreiro do Paço, embarca no vapor de Vila Nova; e o que aí lhe sucede. A Dedução Cronológica e a Baixa de Lisboa. Lord Byron e um bom charuto. Travam-se de razões os Ílhavos e os Bordas-d’Água: os da calça larga levam a melhor.*

Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes<sup>1</sup>, de inverno, em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo — entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio *Xavier de Maistre*, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de estio, viajo até à minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas

---

1 É visível a alusão ao popular e inimitável opúsculo de *Xavier de Maistre*, *Voyage autour de ma chambre*, que decerto foi principiado a escrever em Turim e que muitos supõem que fosse concluído em Sampetersburgo.

impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer crónica.

Era uma ideia vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha há muito de ir conhecer as ricas várzeas desse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais histórica e monumental das nossas vilas. Abalam-me as instâncias de um amigo<sup>2</sup>, decidem-se as tonterias de um jornal, que por mexeriquice quis encabeçar em desígnio político determinado a minha visita.<sup>3</sup>

Pois por isso mesmo vou — *pronunciei-me*.

São 17 deste mês de julho, ano de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estreia. Seis horas da manhã a dar em S. Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro do Paço. Chego muito a horas, envergonhei os mais madrugadores dos meus companheiros de viagem, que todos se prezam de mais matutinos homens que eu. Já vou quase no fim da praça, quando oiço o rodar grave mas pressuroso de uma carroça *d'ancien régime*: é o nosso chefe e comandante, o capitão da empresa, o Sr. C. da T.<sup>4</sup> que chega em estado.

Também são chegados os outros companheiros: o sino dá o último rebate. Partimos.

Numa *regata*<sup>5</sup> de vapores o nosso barco não ganhava decerto o prémio. E se, no andar do progresso, se chegarem a instituir alguns ístmicos ou olímpicos para este género de carreiras — e se para elas houver algum Píndaro ansioso de correr, em estrofes e antístrofes, atrás do vencedor

---

2 Passos Manuel. (*Nota de Luís Amaro de Oliveira*)

3 É puramente histórico isto; e também é verdade que em grande parte daqui se originou a perseguição brutal que sofreu o A. daí a poucos meses.

4 Conde da Taipá, Gastão da Câmara Coutinho Pereira de Sande. (*Nota de Luís Amaro de Oliveira*)

5 “Regata” chamavam, e não sei se chamam ainda, em Veneza, às carreiras de barcos lapostados ao desafio. A palavra e a coisa introduziu-se em Inglaterra, onde é moda e popularíssima.

## 5. Unidade estrutural das Viagens

Certo tipo de intimidade criada num diálogo narrador/leitor é um traço característico da novela romântica que dá a quem lê uma sensação de oralidade, vivida na grata recordação de um quadro familiar: um recanto doméstico, umas cadeiras, alguém que conta a “história” e alguém ou um grupo que a ouve atentamente. “– *Asentai-vos aqui ao lar, bem juntos ao pé de mim e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes...*” – convida-nos o escritor Alexandre Herculano em “Dama Pé de Cabra”. Um exemplo entre muitos. Aliás, este jeito de transformar um leitor em ouvinte, de o agarrar, de o levar ao local do acontecimento, de o forçar a ver o lado vivo da coisa, de lhe segredar o tique revelador da personagem – tudo isto já se encontra presente em Fernão Lopes, que sabia “contar” como ninguém.

Ora, o que entre a maioria dos românticos acabou por se tornar numa norma de escola foi em Garrett uma necessidade – um modo pessoal seu, pessoal de ser escritor. É que esta espécie de conversa a dois cria como que um outro plano narrativo, paralelo ao da narração propriamente dita, em que o autor, feito elemento de intriga, se mostra e se revela. E quem, como o poeta das *Folhas Caídas*, nasceu com a vocação de se mostrar, de se revelar? Quem, antes dele, se apresentou na folha impressa com essa despudorada capacidade de indiscrição – meio entrega, meio cálculo, meio nudez, meio *toilette* (nas *Viagens*: “*calças largas, fraque verde, chapéu branco, gravata de cor, chicotinho de cauchu na mão...*” p. 19). – que é fonte de um autorretrato esboçado em tudo quanto escreveu? Esta presença é nas *Viagens na Minha Terra* – tanto quanto nos parece – o traço de união entre todas as “*digressões*”, “*divagações*”, “*distrações*”, “*meditações*”, “*evocações*” (e tudo são termos do autor) que constantemente cortam o fio descritivo ou narrativo, condutor do discurso que o leitor esperaria íntegro e contínuo. Esta presença constante de Garrett, repetimos, é a linha reta que corrige permanentemente as “*reflexões em ziguezague*” de que ele tantas vezes se penitencia; esta presença é, enfim, o que, como um rumor subjacente que nunca nos larga, garante a unidade estrutural do livro. Não são, portanto, tão desarticulados, como parecem a uma simples leitura recreativa, os sentimentos e as ideias dispersos por imprevistas relações de livre associação, porque uns como outras existem na unidade temperamental de um indivíduo – que, servindo-se de todos os meios, por todo o lado fala de si. Por que processos técnicos marca, todavia, o autor essa presença na totalidade das *Viagens na Minha Terra*? Três nos parecem ser esses meios – encarado o problema na perspectiva de economia de espaço que nos condiciona. Assim, a unidade estrutural da obra é conseguida também das seguintes formas:

## 5.1. Diversidade das funções literárias assumidas pelo autor

O autor desempenha nas *Viagens* diversas funções literárias, dando à obra uma mobilidade que a caracteriza como uma obra mais original e viva. Assim, a **unidade estrutural do livro** adquire sentido com esta “mobilidade” do autor:

- Garrett é leitor (de romances populares, de cronistas, da carta de Carlos a Joaninha);
- Garrett é narrador;
- Garrett é interlocutor (do leitor, como já vimos; de personalidades literárias e de personalidades políticas evocadas);
- Garrett é ouvinte (do companheiro de viagem que narra a História da Joaninha dos Olhos Verdes e de uma das personagens do “romance” que lhe conta o desenlace da novela).

## 5.2. Paridade da sua vida com o “romance” da menina dos rouxinóis

Conhecendo as linhas gerais da vida de Almeida Garrett, torna-se intuitiva a fundamentação autobiográfica da novela encaixada nas *Viagens na Minha Terra*. Há, efetivamente, uma relação de correspondência entre o plano da realidade e o da ficção, partindo, como convém, da aproximação entre Garrett e Carlos. Este paralelismo fundamenta-se através dos factos decorrentes da influência sociocultural de um meio doméstico tradicional, dos factos decorrentes da influência da evolução de um clima político, tais como aspetos da vida social e privada: exílio, estruturas familiares estranhas, reações sentimentais e, ainda, dos factos decorrentes do triunfo de uma revolução: posições pessoais frente às conjunturas de um novo tipo de sociedade. Ora, todas estas correspondências intensificam a **unidade estrutural das Viagens**.

*“[...] Garrett deixou-nos duas novelas, uma delas histórica, O Arco de Sant’Ana, outra contemporânea, a novela inserta nas Viagens na Minha Terra. Muito diferentes quanto à forma e intenção, oferecem, no entanto, uma arquitetura romanesca comparável: no Arco de Sant’Ana o herói, Vasco, é, sem o saber, filho ilegítimo de um bispo que lhe desgraçara a mãe, e os acontecimentos decorrem de maneira que o pai, senhor feudal do Porto, e o filho, chefe de uma revolta popular, vêm a encontrar-se frente a frente, a combater em partidos opostos; só no momento em que está prestes a matá-lo, o filho reconhece o pai.”*

in António José Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora